PESQUISA LINGUÍSTICA: MODOS DE USAR E DE FAZER

LINGUISTIC RESEARCH: WAYS OF USING AND DOING

Lucia Teixeira[1]

RESUMO: o artigo discute a oposição entre campos chamados "mole" e "duro" na pesquisa linguística, aos quais correspondem as pesquisas organizadas em torno das instabilidades dos usos e das situações de comunicação, de um lado, e a estabilidade do sistema, de outro. Faz uma análise semiótica da oposição e propõe o aprofundamento do debate e da discussão como formas de fazer avançar a pesquisa científica.

Palavras-chave: linguística mole; linguística dura; análise semiótica.

ABSTRACT: The article discusses the opposition among the so-called fields "soft" and "hard" in the linguistic research to which correspond the investigations organized around the instabilities of the uses and of the communication situations, from one side, and the stability of the system, from another. It makes a semiotic analysis of the opposition and proposes the deepening of the debate and of the discussion as forms of advancing scientific research.

Keywords: soft linguistics; hard linguistics; semiotic analysis.

O título da mesa da qual participei no V Encontro do GELCO, "A pesquisa linguística no Brasil", é tão ambicioso quanto instigante. Há muito a área está merecendo um estudo que possa dar conta da riqueza e complexidade das pesquisas em desenvolvimento, diversificadas em relação aos objetos de análise, às bases teóricas, aos aparatos metodológicos. A leitura das páginas de apresentação dos Programas de Pós-graduação do Rio e de São Paulo, aqueles que escolhi por estarem mais próximos geograficamente de mim, revela de imediato uma preocupação com a abrangência de objetos e de orientações teóricas. Se USP e UNICAMP, dois Programas que podem servir de referência, são os Programas com maior abrangência de linhas e áreas de interesse, também os Programas da UNESP Araraquara, da UFRJ e da UFF mantêm a diversificação de linhas teóricas e a pluralidade de objetos. Creio que podemos tomar esses Programas como uma amostra do que se faz hoje no país e, a partir daí, refletir sobre o que isso representa em termos de pluralidade, perspectivas e problemas.

[1] UFF/CNPq/FAPERJ.

Em linhas gerais, a pesquisa linguística no Brasil se organiza em torno da estabilidade do sistema, no caso das linhas dedicadas à descrição dos fenômenos gramaticais ou das estruturas de formação dos enunciados, e da instabilidade de objetos como a variação, a mudança, os aspectos semântico-pragmáticos dos usos linguísticos, os textos e os discursos. Acrescente-se a isso a preocupação didática, expressa tanto numa área de estudos aplicados, que se expande para discursos institucionais e situações de interação, quanto numa vertente mais explicativa e historiográfica. Juntem-se ainda os estudos de tradução ou os projetos de pesquisa destinados a textos não-verbais e teremos um quadro bastante expandido da área.

Fiorin, em seu livro *As astúcias da enunciação*, já observava que, a partir de Saussure e com o advento do estruturalismo em linguística, "a estabilidade" da língua é "erigida em princípio de cientificidade":

> A estabilização do objeto produziu resultados consideráveis para a ciência da linguagem, pois permitiu entender os princípios que regem o sistema. No entanto, os modelos estáticos sobreorganizaram o objeto e, por conseguinte, mascaram uma propriedade essencial da linguagem, seu dinamismo interno, pois eliminam de seu campo de estudo tudo o que seria do domínio da inconstância, da indecisão, da concorrência. A linguagem é uma relação de equilíbrio precário derivado de forças estabilizadoras e desestabilizadoras. (FIORIN, 1996, p.17).

Reconhecendo como uma das tendências da ciência contemporânea "o estudo das instabilidades", o autor aponta novos objetos do estudo linguístico:

> Na Linguística, depois do império quase absoluto do sistema e da competência, aparecem novos objetos ou revitalizam-se os antigos: a mudança linguística, a variação linguística e, principalmente, o uso linguístico. Todos esses objetos tiveram que levar em conta a instabilidade. (FIORIN, 1996, p.18).

O reconhecimento de dois campos demarcados, que pode começar a produzir um sentido para a convivência nem sempre bem tolerada das diferenças, costuma estar associado à distinção entre um núcleo duro e um núcleo mole da linguística, denominações que, parecendo servir-se de metáforas do senso comum, foram se colando às disciplinas e adquirindo um sentido de naturalidade. Devem, entretanto, ser examinadas com atenção, porque acabam por expressar uma diferença em que os termos recebem qualificações distintas e reconhecimento diferenciado.

Tomemos os lexemas *duro* e *mole* em seu sentido dicionarizado, para, examinando os verbetes como textos, propor uma análise semiótica dos sentidos que daí derivam.

As duas palavras têm sua definição no dicionário por afirmação e negação de traços do significado de uma e outra. Expressas em elementos de negação, como a preposição *sem*, o advérbio *não* ou o prefixo *im-, mole* é, por exemplo, sem energia, por oposição implícita a *duro*, que tem energia. *Duro* é insensível, por oposição a *mole*,

sensível; *mole* não exige esforço, por oposição a *duro*, trabalhoso, árduo. Tratei, assim, de agrupar em pares opositivos as acepções dicionarizadas, que devem ser lidas no confronto organizado pela numeração (acepção 1 para mole, correspondendo, por oposição, à acepção 1 para duro, etc.):

MOLE

1. que cede à compressão; macio, tenro

2. fofo, elástico

3. sem energia, débil, fraco

4. fácil de comover-se; sensível, terno

5. sem vivacidade, frouxo, inexpressivo

6. Bras.pop. que não apresenta dificuldade ou complicação, não exige esforço ou paciência; fácil

7. efeminado, afeminado

Outras acepções:

lento, frouxo, lânguido, vagaroso

Bras.NE sem sorte; infeliz, azarado

DURO

1. que não é tenro ou mole; rijo

2. difícil de penetrar ou de riscar; consistente; sólido

3. forte, rigoroso

Bras. resistente, vigoroso

4. implacável, inexorável

cruel,insensível,impassível,empedernido

5. firme, enérgico

6. árduo; trabalhoso, penoso

7. Bras. valente, corajoso, bravo

V. valentão

Outras acepções:

desagradável ao ouvido; áspero

Bras.Pop.V. pronto

Bras. Apinhado, cheio

Nas acepções 1 e 2, temos os significados que falam da materialidade do que é mole e duro: matéria que cede à compressão, matéria impenetrável, matéria tenra, matéria rija. Nas acepções 3 e 4, aponta-se para a qualidade sensível do que é mole e do que é duro: a debilidade do que é mole, a força do que é duro; a sensibilidade

e a insensibilidade, abonadas nos exemplos do dicionário: coração duro, coração mole. Na acepção 6, trata-se de associar mole e duro à inteligibilidade e ao trabalho: mole de entender, duro de entender, mole de fazer, duro de fazer. Na acepção 7, o machismo arraigado oferece sua contribuição ao sentido: mole é afeminado, por oposição a duro, valentão; sem querer ser levada a interpretações psicanalíticas, mas sem resistir à obviedade da conclusão, mole, o que se deixa penetrar, duro, o que é impenetrável.

Tentando trabalhar por oposições, deixei de fora dessa organização sistemática algumas acepções das quais tratarei em seguida, porque mostrarei que o que está, digamos assim, à margem do sistema, incorpora-se à análise e ao significado, para produzir sentido. Por ora, detendo-me no quadro das oposições sistemáticas, chego a alguns traços mínimos opositivos, que podem ser sistematizados em três oposições nucleares: maciez *vs.* rigidez (materialidade), sensibilidade *vs.* insensibilidade (afetividade), facilidade *vs.* dificuldade (inteligibilidade).

Sucessivos cruzamentos, desdobramentos, eliminações e esquematizações dos traços significativos contidos em cada um dos significados dicionarizados permitiram que eu chegasse à economia de termos revelada nessa sistematização, em que as oposições maciez, sensibilidade e facilidade, para *mole*, *vs.* rigidez, insensibilidade e dificuldade, para *duro*, podem ser subsumidas por uma oposição mais abrangente, porosidade *vs.* fechamento.

Ora, se é evidente que o senso comum não pode ser o senso da ciência, também é evidente que a atribuição do determinante duro ou rígido a um certo núcleo da linguística não terá deixado de incorporar o significado corrente da palavra. Acolhida por linguistas que puseram o termo em circulação, a denominação "linguística dura" passa a delimitar um campo de estudos bastante amplo e diversificado, que tem como duas matrizes fundamentais a concepção saussuriana da língua como uma rede estável de relações e a postulação chomskiana de descrever a competência de um falante-ouvinte ideal situado numa comunidade linguística homogênea.

Maingueneau comenta que a organização do campo da linguística "opõe de forma constante um núcleo que alguns consideram 'rígido' a uma periferia cujos contornos instáveis estão em contato com as disciplinas vizinhas (sociologia, psicologia, história, filosofia, etc.)" (MAINGUENEAU, 1989, p.11). Volto então à oposição porosidade/fechamento, já agora para atribuí-la às diferentes linguísticas encampadas sob os rótulos mole e dura. Macia, sensível, fácil seriam qualificações atribuíveis a esse campo dos estudos da linguagem situados na "periferia" a que se refere Maingueneau? E o núcleo rígido poderia estar definido por qualidades como rigidez, insensibilidade, dificuldade?

Seria necessário, para responder semioticamente a essas questões, transformar a oposição fundamental em narrativas geradoras de discursos construídos na intertextualidade. Digamos, para tomar as abonações do dicionário, que um sofá mole é um convite ao contato do corpo, ao contrário da pedra dura, manipuladora do procedimento inverso. Digamos, ainda tomando as abonações, que um coração mole

estimula a complacência e a disponibilidade para o outro, ao passo que um coração duro afasta as possibilidades de entrega e de contato. Digamos, na sequência, que um trabalho mole leva à facilidade que desestimula, enquanto um trabalho duro conduz à dificuldade que desafia. Pois se aí incluirmos uma ciência que tem um núcleo mole e um núcleo duro, diremos que o primeiro núcleo acolhe a porosidade dos contatos com outras áreas do saber, desfaz a intolerância da convivência com a diferença, mas pode, por isso mesmo, cair no risco da facilidade da indefinição de parâmetros teóricos. Por outro lado, o núcleo rígido fecha-se na solidez que impede a penetração de outros saberes, afasta a diferença e, por isso mesmo, constitui o rigor teórico que transforma a dificuldade na marca desafiante de seu trabalho.

O discurso que recobre a narrativa de constituição dos campos da linguística será tão diferente quanto diferentes forem as vozes que o enunciam. Será, por exemplo, um discurso de defesa dos limites de campos de abrangência, conceitos e paradigmas teóricos, um discurso de ênfase na facilidade de deslizamento dos estudos de objetos instáveis para uma zona difusa e indefinida dos estudos sobre a linguagem, se enunciado da instância produtora do discurso da linguística dura. Da intertextualidade dos sentidos do dicionário, este tipo de discurso, que fala de um lugar de rigor e de método, vai incorporar lexemas como elasticidade, debilidade, indolência, facilidade, frouxidão, para atribuí-los, com pontaria certeira, aos estudos desenvolvidos pelo campo em confronto, o mole, o fácil, o maleável.

Por outro lado, o discurso, se enunciado por esse núcleo mole, enfatizará, na apreciação do núcleo em confronto, a rigidez que não se deixa atravessar pela interdiscursividade de outras disciplinas, a dificuldade de inteligibilidade de trabalhos só acessíveis aos iniciados, o fechamento que impede a visão do discurso como uma instância de produção de sentido, de história, de ideologia. Nesse discurso, serão recuperados, da intertextualidade dos sentidos dicionarizados, a intolerância, a aspereza, a impenetrabilidade.

Mesmo se já passamos de um primeiro momento de confronto, e encontramos hoje formas de convivência mais respeitosas, mesmo assim me parece que essa diferença ainda resiste e marca a convivência, senão por meio de um embate mais concreto, ao menos numa certa desqualificação ou desconhecimento proposital do trabalho do outro, do colega que trabalha a meu lado, divide comigo a sala e a conversa do café, vota comigo nas questões políticas do departamento, mas indaga de meus orientandos: "mas isso é linguística?" quando examina seus trabalhos de semiótica.

Ora, só na discussão e no dissenso o conhecimento avança. Não é possível fazer ciência sem a divergência provocadora da reflexão, do mesmo modo que não é possível fazer ciência com a superficialidade de olhares desatentos, gestos autossuficientes e desqualificação do outro.

No último congresso da ABRALIN, em João Pessoa, após anos de trabalho de formação e desenvolvimento do campo da semiótica, obtivemos a inclusão da semiótica como uma das linhas de pesquisa reconhecidas na área. Tivemos sessões de comunicação proveitosas e estimulantes, com participação expressiva de estudantes

e pesquisadores. Pois bem, na inscrição para o congresso da ABRALIN de 2011, a semiótica desapareceu da lista das áreas de interesse. Ações desse tipo resgatam os sentidos que arrolei como "outras acepções" e deixei do lado de fora do quadro de sistematicidades que construí. Pois se a ABRALIN me fez sentir "infeliz, sem sorte, azarada", seu gesto soou-me "desagradável ao ouvido, áspero". E se esses sentidos não constituem o centro da discussão sobre as diferenças entre núcleo duro e núcleo mole da linguística, eles vagueiam, pairam e acabam por infiltrar-se na normalidade polida e cerimoniosa do discurso acadêmico.

Também como manifestação de estranheza, mas agora numa situação em que só tive motivos para sentir-me reconhecida, ou, para falar do modo avesso ao que usei em relação ao caso anterior, "feliz e cheia de sorte", lembro-me da reação de colegas de literatura que, ao ouvirem análise semiótica que fiz de um conto de Cortázar, me perguntavam o que fazia eu em linguística, com uma análise tão bonita que só poderia estar em literatura.

Não deveria causar estranheza nem uma semioticista num congresso de linguística, nem uma linguista falando do texto literário. Para a felicidade e a infelicidade, estar na semiótica é estar na linguística, porque estão na linguística as bases da teoria, os seus modelos, as suas categorias de análise. A semiótica, ao estudar o percurso de geração do sentido dos textos, quer refletir, afinal, sobre o modo humano de existir na linguagem. E em que outro tipo de texto a linguagem revela-se em plenitude, senão no texto literário?

Explico um pouco melhor as preocupações da semiótica. Definindo-se como teoria geral do texto e da significação, a semiótica ocupa-se da produção de sentido de um texto por meio de uma metodologia que considera a articulação entre um plano do conteúdo e um plano da expressão e categorias gerais de análise capazes de, por um lado, contemplar a totalidade dos textos, manifestados em qualquer materialidade e, por outro lado, definir as estratégias enunciativas particulares dos textos concretos.

Desafiada pela grandiosidade do próprio projeto, a semiótica é uma teoria em movimento, que mais recentemente vem enfatizando os estudos sobre paixão, tensividade, corpo e sensorialidade, de modo a incorporar as desestabilizações, os deslizamentos, as ondulações que atravessam o percurso de produção de sentido. Com isso, a estabilidade de uma concepção discretizante da organização do percurso é perpassada por um movimento que acolhe a instabilidade, como se observa na história da linguística, de modo geral.

Zilberberg (2006) explica que, ao incorporar a afetividade ao percurso de produção do sentido dos textos, a semiótica a integra sob a denominação de intensidade, grandeza oposta à extensidade, para formar o par designado pelo termo tensividade, lugar imaginário em que a intensidade (os estados de alma) e a extensidade (os estados de coisas) se juntam. Essa junção define um espaço tensivo de acolhimento das grandezas do campo da presença: por causa de sua imersão nesse espaço, toda grandeza discursiva se acha qualificada como intensidade e extensidade. Incorpora-se, assim, a questão da mobilidade do sentido, afetado sempre pelo instável e o imprevisível.

Para além dessas direções metodológicas vinculadas a questões teóricas gerais, a análise semiótica vem considerando os códigos particulares dos textos que examina: semiótica plástica, semiótica da canção, semiótica da literatura são exemplos de semióticas definidas pelos objetos de que se ocupam e que exigem formulações teórico-metodológicas próprias, capazes de descrever e interpretar a materialidade significante dos textos. A observação dessa materialidade permitiu que a teoria desenvolvesse modelos metodológicos consistentes que contemplam categorias particulares de análise.

Deve, pois, o semioticista ocupar-se dos textos, literários e não literários, porque seu interesse tem de ser também o da construção da vida na linguagem. E se a semiótica tem sua origem na linguística, ainda que os avanços recentes proponham uma inflexão mais forte na direção das instabilidades, é na base sólida dos conceitos linguísticos originados de Saussure, Hjelmslev e Greimas que se desenvolvem suas análises. Voltamos assim à linguística e a uma espécie de dilema entre um campo fechado na descrição do funcionamento da língua considerada como sistema estável e um outro campo, aberto às instabilidades e às variações.

Se a linguística não puder ocupar-se do sentido em todas as suas manifestações, do modo de produção do discurso, do funcionamento da enunciação historicizando a atividade discursiva, então a linguística não estuda a linguagem, estuda apenas parte dela, e será preciso redefinir a ciência.

Se analiso a pintura, a fotografia ou os hipertextos, devo dizer que não faço linguística? Mas se meu interesse é pelo ritmo da pintura ou pela estratégia enunciativa que mobiliza diferentes linguagens para criar novos mecanismos de interação nos textos produzidos para a internet, então estou lidando com conceitos e categorias que devem interessar à linguística e que têm nela sua base e seu potencial descritivo e metodológico. Sou, então, linguista novamente ou nunca deixei de sê-lo, mesmo quando estudo outras linguagens que não a verbal?

Os linguistas mais atentos às mudanças reconhecem que a novidade tecnológica e a mobilidade dos novos objetos são aspectos impactantes para a construção de paradigmas de análise. Os avanços e a velocidade das transformações dos suportes e modelos de comunicação são tão inquietantes que Margarida Salomão, em artigo publicado na revista *Gragoatá*, chega a anunciar a necessidade de uma "nova disciplina":

> Em termos práticos, é fácil profetizar **novas práticas de cooperação** não só na relação interdisciplinar, o que parece uma fatalidade, mas dentro das próprias fronteiras da linguística: o montante de trabalho vinculado às novas metodologias convoca os pesquisadores à colaboração recíproca de modo que a agenda a ser cumprida resguarde todos os desejáveis requisitos de rigor e completude.
>
> Por outro lado, a experiência nas frentes mais avançadas do desenvolvimento econômico mundial nos leva a imaginar **outras possibilidades de profissionalização do linguista**, trabalhando ombro a ombro com informatas e engenheiros de computação, desenvolvendo o que começa a ser chamado

> de "engenharias de linguagem". Isso sem contar os desdobramentos que se vislumbram em cooperação com as ciências sociais na análise de cenários institucionais de intervenção (educação, saúde, atendimento a público).
>
> No plano estritamente científico, o cenário que se vislumbra é o do **refinamento dos compromissos empíricos** da linguística, que precisará formular hipóteses testáveis contra campos de verificação até muito recentemente indisponíveis. Sem exageros, é de outra disciplina que se trata. (SALOMÃO, 2007, p.43.)

Luiz Antonio Marcuschi também identifica novos campos de atuação ao tratar das tendências da linguística pós-anos 60, mas me parece diluir a necessidade de gerar disciplinas consistentes e íntegras no que ele chama de "tendências hifenizadas":

> É interessante não esquecer, nesta breve revisão geral da espinha dorsal do desenvolvimento da linguística no século XX, que a partir dos anos 1950-1960 surgem todas as chamadas "*tendências hifenizadas ou genitivas*", isto é, as denominações de caráter eminentemente *interdisciplinares* do tipo:
> - linguística-de-texto,
> - análise-do-discurso,
> - análise-da-conversação,
> - sócio-linguística,
> - psico-linguística,
> - etnografia-da-comunicação,
> - etno-metodologia
>
> e assim por diante. Por outro lado, o século XX, em especial no seu final, experimentou uma série de novas orientações e perspectivas ligadas aos avanços tecnológicos, e hoje enfrentamos o desafio de entender os usos linguísticos no ainda desconhecido campo da comunicação digital e nas interações virtuais representadas pela internet.
>
> Portanto, não obstante a impressão da hegemonia de um projeto formalista na perspectiva de um tripé Saussure, Bloomfield, Chomsky, deve-se admitir que a linguística do século XX foi multifacetada e plural. Teve uma imensa quantidade de desdobramentos, mas não é conclusiva e lega ao século XXI sérias questões não bem analisadas e que merecem aprofundamento. (MARCUSCHI, 2008, p.38).

Ora, se o hífen une mas mantém separados os elementos, a compreensão "hifenizada" da ciência pensa em soma mas não em articulação, em adição mas não em integridade. Somente a constituição de disciplinas consistentes, com definição teórica e projeto metodológico, poderá rever a divisão do campo da linguística em áreas mais e menos nobres e poderá efetivamente articular conhecimentos interdisciplinares para formular um corpo teórico próprio e pleno de identidade e força.

Por outro lado, somente a disponibilidade de reconhecer no outro um parceiro e de escutar o que tem a dizer e a provar, somente essa atitude de reconhecimento será capaz de transformar a riqueza caótica que temos hoje num cenário de efetiva

produtividade científica, tecnológica e cultural, que reconheça a complexidade do fenômeno da linguagem, que reconheça a necessidade de sobrepor "um homem que fala" às dispersões provocadas pela necessidade cientificista de rigor. Não é cientista aquele que não enxerga o seu tempo e não pode fazer ciência aquele que não põe em destaque a liberdade e a tolerância.

REFERÊNCIAS

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 1996.

GREIMAS, A. J. Novos desenvolvimentos nas ciências da linguagem. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia Mei Alves de; LANDOWSKI, Eric. *Do inteligível ao sensível*: em torno da obra de A. J. Greimas. São Paulo: EDUC, 1995.

GREIMAS, COURTES. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. *Sémiotique*: dictionnaire raisonné de la théorie du langage. Paris: Hachette, 1986.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes/ Editora da Unicamp, 1989.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. Lanterna na proa: sobre a tradição recente nos estudos de linguística. In: *Gragoatá*, Niterói, n. 23, p. 27-52, 2. sem. 2007.

ZILBERBERG, Claude. Síntese da gramática tensiva. In: *Significação*: *Revista Brasileira de Semiótica*, São Paulo, n. 25, p. 163-204, jun. 2006.